



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

FERNANDA PINA GALDINO

**CABELO E IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES
DOS ANOS 2000 SOBRE O FILME O DIÁRIO DA PRINCESA**

FORTALEZA

2025

FERNANDA PINA GALDINO

**CABELO E IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES
DOS ANOS 2000 SOBRE O FILME O DIÁRIO DA PRINCESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Design-Moda, sob orientação da Profa. Dra. Francisca Mendes, do curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G149c Galdino, Fernanda Pina.
Cabelo e identidade : percepções de adolescentes dos anos 2000 sobre o filme O Diário da Princesa /
Fernanda Pina Galdino. – 2025.
51 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e
Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.
1. Cabelo. 2. Identidade. 3. Memória. 4. Negritude. I. Título.

CDD 391

FERNANDA PINA GALDINO

**CABELO E IDENTIDADE: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES
DOS ANOS 2000 SOBRE O FILME O DIÁRIO DA PRINCESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Design-Moda, sob orientação da Profa. Dra. Francisca Mendes, do curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte.

Aprovada em: 14/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fernando Luis Maia da Cunha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rafael Ribeiro Ferreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha irmã, quem me ensinou que é possível ser mulher e ainda assim ser livre.

AGRADECIMENTOS

À minha família, saudade viva e constante, que vela meus passos, mesmo à distância, e me apoiam em cada fase e em cada recomeço. Sou grata por todas as ligações, palavras de afeto e compreensão, ainda que a saudade aperte o peito. É por vocês, e graças a vocês, que sou quem sou e que chego até aqui.

Aos rostos queridos que deixei em Sergipe, por se fazerem presentes mesmo na ausência física. Tenho orgulho de cada um de vocês e gratidão pelas conversas, desabafos, carinho, risos que viajam quilômetros e por não permitirem que o tempo e a geografia enfraqueçam o laço que nos une.

Às amizades que aqui cultivei, por cada escuta, companhia, afeto e momentos compartilhados. Fortaleza me acolheu de braços abertos, e vocês tornaram a caminhada mais leve. Em especial, às minhas companheiras nessa fase final. Compartilhar as tensões e as alegrias e, enfim, concluir mais essa etapa, é também uma conquista nossa.

À presença que me é porto e farol, por me ensinar que amar é estar, mesmo quando é preciso respeitar o silêncio e a necessária ausência. Obrigada por me acolher nos momentos de angústia, por vibrar comigo nas pequenas e grandes vitórias, por me oferecer serenidade nos dias conturbados e ser força nos momentos de fragilidade.

À banca, pelos preciosos ensinamentos e conhecimentos compartilhados que ampliaram meu olhar. Em especial, à minha orientadora, pela paciência, apoio e por todo o auxílio que foi fundamental tanto na minha formação como profissional, quanto na realização deste trabalho.

Às mulheres entrevistadas, que me concederam tempo e confiança, por compartilharem comigo suas histórias e vivências. Sem vocês esse trabalho não estaria completo, que nunca se esqueçam de seus potenciais e tenham coragem para ser quem desejam.

O cabelo da mulher negra é emblemático de um incômodo que não tem a ver tanto com o cabelo, mas sim com o que representa a presença negra nos espaços que a branquitude considera exclusivamente seus.

Cida Bento

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender quais são as percepções de mulheres, que foram adolescentes dos anos 2000, sobre a construção do cabelo no filme *O Diário da Princesa*. Para ter essa compreensão, foram realizadas pesquisas bibliográficas para coleta de informações científicas sobre temas envolvendo: raça, colonialidade, beleza, seus padrões e disseminação, cabelo e memória. Foi utilizada também a pesquisa documental, através da investigação do filme em questão e a qualitativa, mediante interpretação de entrevistas presenciais e remotas realizadas com quatro mulheres pretas e cacheadas. A partir do levantamento teórico, é possível analisar como essas narrativas estão presentes no enredo do filme e as relações sociais nele apresentados, traçando um paralelo entre a personagem principal, Mia, e a antagonista, Lana, além de verificar o papel social de cada personagem e suas representações. Através desse estudo, é possível elaborar a entrevista para compreender como essas mulheres enxergam suas identidades e individualidades, em qual momento esses aspectos começaram a ser observados e como se conectam com questões raciais. Ademais, a partir de dados da memória entende-se que tipo de relação as mulheres possuíam com seus cabelos antes de assistir ao longa e se houve mudança de perspectiva e/ou compreensão de si e do mundo após esse fato. Verificou-se que a falta de atores negros no elenco desencadeou outro tipo de confronto entre as personagens: o capilar. O cabelo mostra-se como o contraponto na rivalidade entre Mia e Lana numa representação que associa o cabelo cacheado à bagunça e descuido, enquanto o liso se mostra o ideal para uma princesa. Acompanhada de comentários racistas, essa representação afeta adolescentes da época ao instigar o processo do alisamento como meio para aceitação social e caminho para a beleza ideal. Mediante esses resultados, pode-se concluir como a colonialidade cria mecanismos racistas ao negar beleza ao corpo negro e se utiliza de meios de comunicação para difundir esses pensamentos, que são representados no filme pela figura do cabelo para demonstrar a ascensão social e o lugar ocupado por características fenotipicamente brancas. Ademais, é verificada influência ao manifestar nas entrevistadas questionamentos e sentimentos diversos acerca da mudança visual de Mia, refletindo na imagem que possuem sobre si e sobre suas características.

Palavras-chave: cabelo; identidade; memória; negritude.

ABSTRACT

This work aims to understand the perceptions of women who were teenagers in the 2000s regarding the construction of hair in the film *The Princess Diaries*. To gain this understanding, bibliographical research was conducted to gather scientific information on topics involving race, coloniality, beauty, its patterns and dissemination, hair, and memory. Documentary research was also used, through the investigation of the film in question, and qualitative research, through the interpretation of in-person and remote interviews conducted with four Black women with curly hair. Based on the theoretical survey, it is possible to analyze how these narratives are present in the film's plot and the social relations it presents, drawing a parallel between the main character, Mia, and the antagonist, Lana, in addition to examining the social role of each character and their representations. Through this study, it is possible to design the interview to understand how these women view their identities and individualities, when these aspects began to be observed, and how they connect with racial issues. Furthermore, based on memory data, it is possible to understand the relationship women had with their hair before watching the film and whether there was a change in perspective and/or understanding of themselves and the world afterward. It was found that the lack of Black actors in the cast triggered another type of confrontation between the characters: hair. Hair appears as the counterpoint in the rivalry between Mia and Lana, in a representation that associates curly hair with messiness and negligence, while straight hair is seen as the ideal for a princess. Accompanied by racist comments, this representation affected adolescents of the time by instigating the process of straightening hair as a means of social acceptance and a path to ideal beauty. Based on these results, it can be concluded that colonialism creates racist mechanisms by denying beauty to the Black body and using the media to disseminate these ideas, which are represented in the film by the image of hair to demonstrate social ascension and the place occupied by phenotypically white characteristics. Furthermore, influence is verified by the interviewees' diverse questions and feelings about Mia's visual change, reflecting on the image they hold of themselves and their characteristics.

Keywords: hair; identity; memory; blackness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mia no começo do filme	31
Figura 2 - O cabelo de Lana durante o filme	32
Figura 3 - Antes vs depois de Mia	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	16
2.1 Tipo de Pesquisa	16
2.2 Área de Abrangência	17
2.3 Categorias Analíticas	18
2.4 Plano de Coleta de Dados	19
2.5 Tratamento dos Dados	20
3 RAÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	21
3.1 Embelezamento: gênero de primeira necessidade.....	23
3.2 Padrão Estético: Manipulação e Percepção.....	23
3.3 O “Cabelo Ruim”.....	27
4 FILME E MEMÓRIA	30
4.1 O Diário da Princesa e a construção do belo	31
4.2 Narrativas e percepções	35
4.2.1 Branca demais para ser negra, negra demais para ser branca	35
4.2.2 “Todo mundo tem cabelo liso”	37
4.2.3 “Eu quero ser assim”: autoidentificação e representação	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6 REFERÊNCIAS	48
7 APÊNDICE A - ENTREVISTAS	52

1 INTRODUÇÃO

No século XX, impulsionado pela crença na democracia racial¹, acreditava-se numa sociedade igualitária, na qual não havia distinção de raça, cor ou etnia e toda a população teria os mesmos direitos. Porém, essa teoria difundida no Brasil demonstra ser um mito ao se levar em conta o contexto sociocultural e as marcas que o período colonial deixou e permanece até os dias atuais no Brasil e no mundo.

Valores que subjugam negros e suas características em detrimento ao padrão branco europeu ainda estão presentes na sociedade, herança da época em que ter a pele escura era sinônimo de inferioridade, servidão e feiura, afinal “O racismo é a materialização da colonialidade enquanto uma ferida aberta que não cicatriza” (Moraes *et al.*, 2022).

É nessa sociedade pautada no preconceito e intolerância, resultados da teoria de hierarquização de raças, que o conceito de belo foi se modificando, no qual qualquer característica diferente da parcela dominante branca e loira é discriminada e perseguida (Quintão, 2013). Mesmo após mais de um século de sua abolição, o pensamento escravocrata que permanece na sociedade insiste em marginalizar corpos negros, utilizando mecanismos de veículos de comunicação para transmitir tais pensamentos (Horkheimer; Adorno, 2002).

Ao longo da vida, o indivíduo é exposto a diversos estímulos e conceitos de valores sociais que desenvolvem e moldam a forma de ver o mundo, além da maneira de pensar e de se enxergar (Silva, 2000). Segundo Kant (2001), existem dois tipos de valores: o analítico, no qual o sujeito utiliza de análise própria para chegar ao predicado, e o sintético, no qual o predicado se relaciona com o sujeito e acrescenta experiências em seu resultado. Para o autor, os juízos de base estéticas são universais, porém são fundamentados em experiências particulares, nesse caso, a beleza pode ser definida como um juízo sintético, visto que possui um caráter subjetivo baseado em gostos pessoais.

Os meios midiáticos, mecanismo de informação que ganharam espaço e fazem parte do dia a dia da população global, são uma forma de estratégia de controle social e um de seus objetivos é manifestar conceitos prévios sobre o que é considerado correto ou errado (Horkheimer; Adorno, 2002). Da mesma maneira, essas fontes de comunicação delimitam as divisões entre o que é belo e o que não o é, produzindo controle social das percepções das pessoas sobre diversos fatores. Na hierarquia social, o branco sempre esteve em vantagem em

¹ O mito da democracia racial, como aponta Nascimento (1978), é um tipo de racismo no estilo brasileiro. A teoria utiliza da suposta existência harmônica entre os grupos raciais para disfarçar mecanismos de racismo estrutural e atenuar discussões sobre desigualdades raciais.

relação aos negros, principalmente em um sistema cujo padrão de beleza é o europeu, fato que resulta em problemas de autoestima e identificação do povo negro sobre características próprias como os cabelos (Moraes *et al*, 2020).

Símbolo de identidade e resistência, o cabelo não liso é reprimido e domado, associado a doenças, falta de cuidado e ausência de beleza, padrão reforçado pelas grandes mídias que consequentemente induzem a adoção de métodos alternativos de alisamento (Lindoso, 2017). Essas representações negativas do cabelo cacheado/crespo criam no imaginário feminino negro aversão às próprias mechas, a exemplo das exibidas no filme *O Diário da Princesa*.

Esses cabelos e suas representações em mídias de grande alcance, como no filme citado, reforçam os padrões estéticos caucasianos delimitados pelos brancos europeus e reiteram pensamentos racistas de inferiorização do negro e de seus traços, geralmente ligados à feiura ou falta de cuidados com a higiene (Félix, 2010). Portanto, esse trabalho almeja entender os mecanismos de opressão que criam e ditam o padrão de beleza vigente, analisar como ele é transmitido no filme acima citado e, mediante entrevista para coleta de dados, com adolescentes dos anos 2000, compreender sua influência na percepção capilar de seu público-alvo, adolescentes dos anos 2000.

Se a adolescência já é um período conturbado por si só, viver a adolescência como uma pessoa negra cacheada tende a ser ainda mais. Por muito tempo não compreendi as características ligadas ao meu cabelo e não entendia fatores relacionados a cuidados necessários, muito menos seu significado social. Um dos motivos foi a falta de representatividade para direcionar o olhar para essas questões. Lembro-me do início das movimentações na internet sobre a libertação dos cachos, meio de comunicação ainda não tão presente em nossas vidas no início da década de 2010, e sou grata a minha irmã por me introduzir a esse conteúdo.

Foi a partir desse momento que comecei a me entender como pessoa cacheada e a compreender a complexidade de viver em uma sociedade onde ter madeixas curvas não é bem-visto, pelo contrário, há um desestímulo contínuo no que tange a aceitar as mechas naturais. Além disso, há a questão racial da pele escura muito associada e comum a mulheres cacheadas e crespas, sendo mais um alicerce para o preconceito internalizado socialmente.

Aos poucos, passei a perceber nas mídias que consumo, a repetição de críticas diretas ou indiretas aos cachos, apresentados em um campo de inferioridade em relação aos cabelos lisos e loiros. Desse aspecto, surgiu o interesse pela análise de conteúdo produzido para a cultura *teen*, os adolescentes. A partir da minha adolescência, comecei a consumir mais conteúdos feitos pela Disney como séries e filmes, seja em TV aberta como no programa

Sessão da Tarde ou em seu próprio canal. Ao pensar em temas para o presente estudo não pude deixar de pensar no filme *O Diário da Princesa* e suas problemáticas relacionadas a assuntos do meu interesse, além do longa metragem ser marcante para minha geração.

Apesar de não possuir cabelo crespo, o maior alvo do racismo, sempre tive uma inquietação relacionada à representação e à diferença de tratamento relacionada a cada tipo capilar, além do sentimento de repúdio ao racismo e às suas formas de violência física e psicológica. Esse trabalho surge como negação a padrões que reforçam estereótipos raciais e quebra com a continuidade de pensamentos coloniais que se perduram no mundo e no Brasil, mesmo após mais de quinhentos anos de abolição.

Dito isso, compreender como opera esse mecanismo de manipulação e rejeição à identidade negra não só levanta a questão racial, mas também ajuda a compreender como o cabelo cacheado/crespo é um símbolo de identificação e expressão, além de assimilar sua utilização com a finalidade de controle do pensamento social. Ademais, estudos acadêmicos e científicos trazem mais visibilidade para essa questão, cooperam em estudos futuros sobre o assunto e provocam reflexões para contribuir com a mudança social do pensamento até então construído, pensamento esse que relaciona o cabelo liso ao padrão ideal a ser conquistado, enquanto o cacheado/crespo deve ser domado ou escondido.

Ao realizar pesquisas bibliográficas foi possível notar que o conceito de beleza é um tema já abordado por autores como Wolf (1992), Duarte Jr. (1998), Félix (2010) e (Quintão, 2013), bem como a importância do cabelo, seus significados e simbologias (Quintão, 2013), (Félix, 2010) e (Kilomba, 2008).

Duarte Jr. (1998) descreve o significado de beleza como uma qualidade imensurável que diz respeito à interação entre o indivíduo e o mundo. Já Wolf (1992) aprofunda ao conectar o mito da beleza com a coerção capitalista, qualificando a beleza pelo sistema de poder monetário no qual o domínio masculino controla e atribui valor à mulher de acordo com o mais recente padrão cultural imposto.

Quanto ao belo capilar, Quintão (2013) afirma que o cabelo é expressão de identidade e explica a associação positiva a cabelos lisos e negativa a cacheados e crespos. Para isso utiliza da história para explicitar a hierarquia existente no período escravocrata e traçar o paralelo entre passado e presente. Félix (2010) expõe como a pressão estética pelo cabelo ideal cria mecanismos de padronização e processos de alisamento para moldar mechas curvadas em um sistema cujo racismo se faz presente desde a infância durante o período escolar.

Kilomba (2008) traz ainda reflexões e relatos de mulheres negras afro-alemãs pautadas na questão racial de preconceito e em situações de violência que sofrem devido aos traços por elas apresentados. Guiados pela negritude, esses autores trazem a visão social das pessoas sobre indivíduos de pele escura e traços lidos socialmente como negros, apresentando como ocorre o preconceito e a forma que ele poda a beleza negra, reforçando um padrão estético caucasiano ao negar e menosprezar a identidade negra.

Portanto, é possível criar uma cronologia acerca das mudanças de visão social que os tipos de madeixas obtiveram e seu uso como artifício manipulável por dispositivos culturais, como discorrem os autores Horkheimer e Adorno (2002), Coelho e Severiano (2007) e Sampaio e Ferreira (2009). Horkheimer e Adorno (2002) retratam como as grandes mídias se apoderam de mecanismos de comunicação, realizando controle social em um meio consumista manipulável e moldável no qual qualquer coisa é passível a se tornar alvo do mercado e virar um bem de consumo.

Coelho e Severiano (2007) dissertam acerca da apropriação do corpo pelo sistema capitalista da indústria cultural, transformando-o em um veículo de consumo vendável e lucrativo. Sampaio e Ferreira (2009) complementam o pensamento e afirmam que o corpo mercadoria é utilizado pela indústria cultural como forma de controle e disseminação de conceitos plausíveis, dignos de contemplação e almeçados, assim há influência por parte da indústria sobre as percepções corpóreas da sociedade.

Autores como Munanga (2003) e Quijano (2005) discorrem sobre questões histórico-político raciais de ideologias que foram utilizadas para separar a população mundial em classes. Munanga (2003) traça a linha temporal das ideias que deram origem a teorias raciologistas que dividem as pessoas em raças baseadas, principalmente, em características fenotípicas, além de dissertar sobre a tentativa de branqueamento do povo brasileiro após a abolição da escravatura, tendo como meio para atingir o objetivo a miscigenação. Quijano (2005) dá continuidade aos estudos sobre raça e versa sobre uma nova divisão advinda da hierarquia de raças: a criação de identidades que distingue povos e nações.

No entanto, é preciso compreender de que maneira essa problematização toma forma e se concretiza na vida pessoal e no âmbito social, saindo da ficção e entendendo o impacto causado por tais recursos e ações. Para interpretar essa logística, é utilizado o filme *O Diário da Princesa*, longa-metragem que narra a história da adolescente Mia ao descobrir ser filha do príncipe de um fictício país europeu. O intuito é analisar a relação de Mia com seu cabelo ao

longo da trama, bem como a concepção acerca de personagens, seu papel na história e a escolha de representação capilar.

Além disso, busca-se assimilar como esses conceitos inseridos na narrativa influenciam para além das telas, mas interagem no desenvolvimento da percepção e na interpretação de mundo do público-alvo. Com esse objetivo, é utilizada a entrevista com mulheres negras que assistiram ao filme e apresentam questões raciais e capilares em suas trajetórias, buscando ligações entre suas experiências, suas memórias e as representações fílmicas exploradas.

Alguns questionamentos devem ser tratados a fim de colaborar com essa discussão, são elas: de que maneira o conceito de belo é construído socialmente? Como as grandes mídias utilizam seu alcance para reforçar esse padrão? Como se dá a rejeição ao cabelo cacheado/crespo e como ela se associa ao preconceito racial? Quais são as representações capilares no filme *O Diário da Princesa*? Como isso influenciou adolescentes da época a perceberem os diferentes tipos de madeixas?

A partir dessas questões, procura-se elucidar com o estudo do filme, utilizando a entrevista como coleta de informação, como o longa interfere nas percepções das adolescentes dos anos 2000 sobre a construção do cabelo. Para isso, é levado em consideração o histórico da beleza capilar e a imposta superioridade social da branquitude sobre características fenotipicamente negras, como ocorre a respeito das nuances de cabelos cacheados e crespos, utilizando ainda como fundamentação a análise pautada no filme *O Diário da Princesa*.

Ademais, o estudo busca compreender a construção social do conceito de belo, demonstrando como ele é definido e manipulado por grandes mídias, afetando principalmente mulheres em busca do padrão de beleza quase inalcançável. Demonstra-se também como o preconceito com pessoas negras surgiu e sua ocorrência de concepção e reforço, originários de raízes coloniais, para assim, entender sua influência na formação de padrões estéticos de cabelos femininos e como ela ocorre.

2 METODOLOGIA

É preciso, com o fito de cumprir os objetivos, utilizar mecanismos metodológicos que auxiliem na construção de conhecimento sobre o assunto. Dessa forma, “enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para os desafios da prática” (Minayo, 1994, p. 16). Há diferentes modos de realizar a metodologia a depender do objetivo e do resultado esperado, no entanto em todas existe um método e sua finalidade relativa à interesses e circunstâncias da realidade social.

Ainda segundo Minayo (1994), a pesquisa é a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade, nesse sentido vê-se necessária a apresentação da metodologia aplicada a fim de esclarecer o processo, dando-lhe maior transparência e respaldo quanto às normas científicas acadêmicas e à confiabilidade da pesquisa.

2.1 Tipos de pesquisa

Para contextualizar e entender o tema, é necessário realizar três tipos de pesquisa: bibliográfica, documental e qualitativa.

Consoante Silva de Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica consiste na coleta de informação mediante pesquisa científica de trabalhos já publicados sobre o tema da problemática em questão e geralmente são procurados livros, artigos científicos, teses e dissertações. Esse levantamento de referencial teórico é realizado para conhecer o material de estudo disponível sobre o assunto e encontrar aquele que melhor contribui para o trabalho, fundamentando a teoria com pensadores e autores da área. Para o presente texto foram necessários autores que contemplam a temática da manipulação midiática, do racismo, da negritude e como isso afeta a visão de beleza capilar no mundo pós-colonização do início do século XXI.

Outro instrumento metodológico utilizado é a pesquisa de cunho documental que se define pelo método de coleta de dados para extrair informações a partir da investigação de documentos que não foram tratados analiticamente ou que podem ser reanalisados a depender do objeto de estudo (Sá-Silva; Almeida, 2009). O documento de estudo não necessita de ser escrito, qualquer fonte de informação pode ser explorada, como materiais de audiovisual, veículos de divulgação, mapas etc. Neste trabalho, o objeto de análise é o filme O Diário da Princesa, sua representação quanto ao papel associado aos diferentes tipos de cabelo e sua

influência na percepção dos diferentes tipos de madeixas e sua consequente construção social em adolescentes dos anos 2000.

Por fim, é utilizada a pesquisa qualitativa para interpretar significados construídos perante discursos estéticos e capilares presentes no filme *O Diário da Princesa*, assim como nas memórias das participantes da entrevista. A partir da associação com o referencial teórico, busca-se compreender como essas representações são assimiladas e internalizadas (Neves, 1996). Para isso, foi utilizada a entrevista com grupo delimitado de quatro mulheres negras e pardas, cacheadas e crespas na faixa dos 20 anos, que eram adolescentes nos anos 2000 e entusiastas de filmes *teen*, tendo assistido ao filme analisado no período que corresponde à sua adolescência. O intuito é compreender como elas enxergam suas identidades e individualidades, quando esses aspectos começaram a ser percebidos, se e quais relações possuem com questões raciais, que tipo de vínculo apresentam com os próprios cabelos antes e após o filme e se houve alguma mudança de perspectiva em relação a interação e compreensão do mundo e consigo mesmas.

O cabelo como símbolo de identidade e autoestima é então posto em pauta e analisado sob uma perspectiva decolonial, baseado em estudos sobre a negritude para entender a percepção de adolescentes sobre a construção social do cabelo e seus significados como expressão de identidade, tendo como objeto de análise o filme e os mecanismos pelos quais as madeixas não lisas se tornam alvo de crítica e digna de constrangimento (Félix, 2010).

2.2 Área de abrangência

A área de abrangência delimita-se por marcadores geográficos, sociais e geracionais. Ao delimitar socialmente esse trabalho, insere-se num contexto brasileiro em que as relações sociais são pautadas na herança racista do período colonial, associadas ainda à noções de classificação social em camadas de hierarquia baseadas em características como tom de pele e traços fenotípicos.

Utiliza-se também o recorte analítico da influência e recepção do filme no território brasileiro e as nuances da mulher negra, bem como suas vivências, relações e interações com o mundo. Para além, associar a mulher negra entre 18 e 25 anos, que passou pelo período da adolescência nos anos 2000, com a identificação de si e de suas características, para compreender de que maneira fatores externos corroboram com a percepção da imagem criada sobre a mulher negra, atendo-se a aspectos estéticos como o cabelo.

2.3 Categorias analíticas

As categorias são formas de dividir em classes, agrupando elementos e ideias para obter conceitos gerais, abstratos e teóricos capazes de estabelecer ideias de categorias que se relacionem e abranjam a problemática da pesquisa (Gonçalves, 2003). As categorias analíticas utilizadas no estudo desse trabalho são: negritude, beleza, cabelo e memória.

A **negritude** é um termo multifacetado que, segundo Zilá Bernd (1988), pode significar o fato de se pertencer à raça negra; à própria raça como coletividade; à consciência e à reivindicação do homem negro civilizado; à característica de um estilo artístico ou literário; ao conjunto de valores da civilização africana. Negritude é utilizada ainda para denominar a tomada de consciência perante situação de dominação e discriminação, com consequente busca por uma identidade negra.

Duarte Jr. (1998) designa a **beleza** como um elemento de correlação entre sujeito e objeto ou predicado, um vínculo de caráter subjetivo relacionado aos gostos pessoais de cada indivíduo. No entanto, ao falar sobre a beleza performada pelo corpo físico e social, a relação sujeito e predicado se torna mais complexa, tendo em vista que esse corpo sofreu um processo de apropriação e múltiplas representações como forma de controle pela manipulação da corporeidade realizada pelos dispositivos de massa controlados majoritariamente por homens (Horkheimer e Adorno, 2002).

Já Quintão (2013), define o **cabelo** como um produtor social de linguagem que opera como uma das maneiras do indivíduo externalizar a expressão de sua individualidade e identidade, posicionando-se socialmente quanto às suas crenças. No entanto, desde o século XIX, esse cabelo é alvo de teorias raciologistas que enxergam características brancas como bonitas e negras como feias, numa forma de hierarquização validada pelo colonialismo que valoriza cabelos lisos e inferioriza madeixas cacheadas e crespas, atribuindo a elas propriedades que remetem ao descuido e à sujeira.

Por sua vez, a **memória**, segundo Baddeley *et al* (2011), define-se pela capacidade de adquirir, armazenar informações e permitir sua recuperação em lembranças, o que lhe permite solidificação quando compartilhadas por um grupo de pessoas, assim tornando-se uma memória coletiva com impossibilidade de mudança (Carvalho, 2012). A memória insere-se como um meio para entender de que maneira o filme *O Diário da Princesa* é enxergado pelo grupo de pessoas estabelecido e como sua lembrança é capaz de despertar emoções e percepções de mundo.

2.4 Plano de coleta de dados

O levantamento de dados foi realizado de acordo com três pesquisas. A primeira é a bibliográfica, realizada de março de 2024 a fevereiro de 2025, a partir da leitura de obras diversas relacionadas a temas como beleza, coerção dos meios de comunicação, negritude, decolonialidade, cabelo, filme e memória, assuntos encontrados em livros, artigos científicos, teses e dissertações, assim fundamentando a teoria em pensadores da área (Silva de Souza; Oliveira; Alves, 2021).

Além disso, foi feita uma pesquisa de cunho documental, uma vez que “possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p.2). A pesquisa documental, elaborada entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, favorece sua análise ao mesmo tempo que o localiza socialmente na realidade em que está inserida. Foi explorado o longa-metragem *O Diário da Princesa* e aspectos de representatividade capilar, seus significados e influências na interpretação das espectadoras sobre normas estéticas relativas ao cabelo.

Por último, está a qualitativa, na qual há interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, partindo de interpretações sobre os fatos obtidos a partir do estudo teórico antecedente (Neves, 1996).

Para essa finalidade, foi delimitado o grupo pensado na escolha de uma obra cinematográfica e suas influências na percepção do cabelo entre seu público. A obra escolhida é o filme *O Diário da Princesa*, uma comédia romântica estadunidense de 2001, que atraiu o público adolescente das duas primeiras décadas dos anos 2000. Nessa fase da coleta de dados, efetuada de 21 de janeiro a 14 de fevereiro, fazem-se entrevistas pessoais e remotas com quatro mulheres negras brasileiras, residentes em Fortaleza no Ceará e São Cristóvão em Sergipe, com idades entre 19 e 21 anos, entusiastas de filmes *teen* em suas adolescências e juventudes que tiveram a visão sobre si e sobre outros afetada de alguma maneira pelo filme e/ou pelas memórias que dele existem.

O intuito é compreender quais relações as entrevistadas possuem com questões raciais; que tipo de vínculo apresentam com os próprios cabelos antes e após o filme e se houve mudança de perspectiva vinculada à história e ao enredo do longa em relação à interação e compreensão do mundo e consigo mesmas. Portanto, é preciso compreender a relação entre filme e memória, visto que o filme é um catalisador de memórias e formador de opiniões (Morigi *et al*, 2013), se espera que as entrevistadas o tenham assistido há alguns anos, já sem recordações parciais ou totais de seu enredo, buscando entender o entrelaçamento entre a

memória individual, a memória coletiva e quais momentos foram marcantes suficientes para se manterem armazenados.

2.5 Tratamento de dados

Após o levantamento dos dados, eles foram explorados de maneira crítica e analítica fundamentados na literatura existente de autoridades sobre o assunto, de maneira a compreender os aspectos levantados e associá-los com o objeto de estudo em questão. Juntamente com as relações estabelecidas na análise e estudo do filme, elas foram suporte para o levantamento do material obtido na entrevista e sua devida interpretação, após sua transcrição. A bibliografia analisada é então posta em contato com o material das entrevistas e suas correlações são investigadas, apurando qualquer tipo de similaridade entre os discursos, suas causas e consequências.

3. RAÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

O termo raça, bem como suas implicações, surge na área da zoologia e da botânica para classificar animais e vegetais. Por outro lado, na área da linguística, o latim medieval classificou raça como significante de descendência, linhagem, pessoas que possuem ancestral em comum e, por consequência, compartilham algumas características (Munanga, 2003). Entre os séculos XVI e XVII, o conceito de raça recebe carga social ao ser associada às diferentes relações entre classes sociais e, com ela, a classificação entre raças puras, dotadas de naturais aptidões e habilidades, e raças não puras, vazias de qualidades e, por esse motivo, aptas a serem escravizadas (Munanga, 2003).

A diferenciação entre raças surgiu como modo de legitimar a relação dominante e dominado, até então sem base em divergências morfo-biológicas entre os indivíduos. Com os avanços e o conhecimento de novos povos e civilizações, surgiu a necessidade de classificação desses que vieram a ser os “outros”², tão diferentes e variados do “eu” (Munanga, 2003). Então, o “eu” europeu começou a classificar a humanidade em raças e a hierarquizá-las de acordo com algumas de suas características predominantes, sendo a principal característica de diferenciação a cor da pele. Em seguida, foram inseridos critérios morfológicos na classificação de raças:

a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o angulo facial, etc. [...]. O crânio alongado, dito dolicocefalo, por exemplo, era tido como característica dos brancos “nórdicos”, enquanto o crânio arredondado, braquicefalo, era considerado como característica física dos negros e amarelos. (MUNANGA, 2003, p. 4)

No século XX, com progressos relacionados à ciência e à genética humana, foi descoberto, por meio do sangue, que indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser geneticamente mais distantes entre si em comparação a outras raças (Munanga, 2003). Com essa descoberta, cientistas chegaram à conclusão não somente da rejeição de raça como conceito biológico, mas também como é cientificamente incapaz de explicar a diversidade humana, ou seja, raças, científica e biologicamente, não existem.

No entanto, no início do século XX, surgiu a raciologia, uma teoria pseudocientífica doutrinária na qual buscou legitimar os sistemas de hierarquização racial com a justificativa

² A divisão entre “eu” e “outro” surge do pensamento de Descartes quando afirma que “Penso, logo existo”. Nesse contexto, o “eu” refere-se ao homem europeu, capaz de produzir conhecimentos válidos e universais, enquanto aos “outros” é sujeito o papel de não pensar ou mesmo não existir (COSTA; TORRES; GROSFUGUEL, 2019).

biológica que liga intrinsecamente características morfológicas a qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais (Munanga, 2003). Segundo a teoria, indivíduos brancos seriam naturalmente superiores aos indivíduos negros e amarelos devido a sua carga hereditária, que lhes concederam certas características físicas e psíquicas de honestidade e liderança.

Desse modo, seriam aptos a dominar as outras raças, principalmente a negra, considerada a menos inteligente e mais estúpida em decorrência ao seu tom de pele escuro, conseqüentemente a mais sujeita às formas de dominação. Essa teoria ganhou força e extrapolou do círculo acadêmico:

Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda guerra mundial (MUNANGA, 2003, p. 5)

Com a saída do meio acadêmico e a difusão em diversas camadas da sociedade, essa teoria ganhou força e foi utilizada por líderes ao longo dos séculos, legitimando o pensamento de hierarquização de raças.

Outro processo que colaborou na implementação das teorias raciais foi a globalização, resultado do colonialismo e do imperialismo, que firmaram a América e a Europa em potências, consideradas o novo padrão hegemônico (Quijano, 2005). A herança dessa teoria foi difundida amplamente, ao ponto de classificar a população da América e de todo o mundo, culminando na produção de novas identidades americanas: índio, negro e mestiço.

Essas novas identidades manifestaram-se como resultado das relações sociais pautadas na ideia de hierarquização de raças:

E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha (QUIJANO, 2005, p. 2).

A identidade, ramificação da raça, passa então a ser um novo conceito de classificação social presente nas relações entre grupos. Com a Europa sendo a segunda a constituir uma identidade própria de dominação e padrão, constituiu-se a eurocentração do conhecimento, usado para legitimar e estabelecer a teoria de raça na qual indivíduos não europeus são inferiores aos europeus (Quijano, 2005). Dessa forma, além da suposta inferiorização racial de costumes, modos, moral e fenótipos, a intelectualidade de povos conquistados também foi

questionada, fundamentando a verdade mundial em seus próprios conhecimentos baseados no novo padrão:

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 17).

A sistematização da produção de conhecimento europeu deu continuidade ao pensamento de classificação de raças e identidades num sistema de manutenção de estruturas coloniais e capitalistas eurocêntricas, resultado do novo padrão de poder. Dessa forma, são criados conhecimentos sob a perspectiva hegemônica europeia, que coloniza saberes ao se sobrepor às demais concepções populacionais, focando-se em seu próprio ponto de vista ao ignorar e inferiorizar diferentes culturas e conhecimentos.

Portanto, a raça firmou-se como um dos pilares da sociedade moderna, sendo um classificador populacional geoespacial, social e político a nível mundial (Quijano, 2005). Se o conceito de raça biologicamente se comprova inoperante, socialmente ele se torna uma proclamação de poder e dominação estruturada em relações geopolíticas e ideológicas.

3.1 Embelezamento: gênero de primeira necessidade

Duarte Jr. (1998) classifica a beleza não como uma grandeza quantificável específica que é digna de ser chamada bela, mas sim o resultado da interação do ser indivíduo com o mundo que o cerca.

A beleza é uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos pretensiosamente ideais que definem algo como belo. [...] Beleza não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis, quantificáveis e normatizáveis. Diz respeito à forma como nos relacionamos com eles. Beleza é relação (entre sujeito e objeto) (DUARTE JR., 1998, p.14).

Assim como Horkheimer e Adorno (2002), Duarte Jr. (1998) designa a beleza como um elemento de correlação entre sujeito e objeto ou predicado, exercendo nesse vínculo caráter subjetivo relacionado aos gostos pessoais de cada indivíduo. A beleza é então um aspecto que pode ser qualificado a qualquer ser ou objeto, estando mais associada, no início do século XX, à indumentária, a alguns cremes, aos cabelos e aos gestos, como o de andar que

poderia dar sensação de beleza ou enfeiar o indivíduo. Assim sendo, principalmente a indumentária era artifício usado para esconder o que é feio e realçar o agradável.

A beleza também pode ser designada ainda ao corpo que “ao mesmo tempo em que é uma representação universal, ele identifica e apresenta a cultura. Desse ponto de vista, a estética corporal é um dado cultural que variará de acordo com cada concepção de mundo” (Alcântara, p. 231, 2007).

Ainda na década de 1920, quando mais estudos científicos acerca da beleza começaram a ser produzidos, o corpo feminino era propriedade do homem, seja ele pai ou marido, que também controlava demandas voltadas para o embelezamento. A possibilidade de a mulher embelezar-se era reprovada e, contrário a esse cenário, foi criada a narrativa que associa parte do embelezamento ao pecado, dessa forma mantendo o controle sobre o corpo feminino (Sant'Anna, 2014).

Concomitantemente, segundo Wolf (1992), que refuta o mito de beleza e sua visão do belo inevitável e imutável pautado no objetivo sexual de gerar vida, beleza é um sistema político monetário no qual refere-se ao mais recente e forte conjunto de crenças para manter o domínio masculino em uma relação de poder.

Essa relação atribui valor à mulher de acordo com padrões culturais impostos e se traduz em uma competição de beleza cujos recursos são de posse masculina. Dessa forma, o mito da beleza é uma nova versão de algo que já existe, uma alternativa de controle social para controlar mulheres após a onda de feminismo. Wolf (1992) afirma que essa nova versão surge como reinterpretação de mitos de controle sobre o feminino:

Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 1992, p. 13)

Ou seja, ao falar sobre a beleza performada pelo corpo físico e social, a relação sujeito e predicado se torna mais complexa, tendo em vista que esse corpo sofreu um processo de apropriação e múltiplas representações como forma de controle pela manipulação da corporeidade realizada pelos dispositivos de massa controlados majoritariamente por homens (Horkheimer; Adorno, 2002). Desse modo, dos diversos corpos existentes, apenas aqueles com características específicas são representados positivamente e tornam-se alvo de conquista e desejo.

3.2 Padrão estético: manipulação e percepção

A busca pela beleza ideal passa a ser, então, fruto da pressão estética exercida e intensificada pelos meios de comunicação e afeta toda a população, mesmo de forma inconsciente, na procura por deter ou manter determinada aparência e obter realização pessoal, valorização social e/ou ser objeto de admiração pelos demais (Sampaio; Ferreira, 2009). A rigidez do padrão estético e a quantidade de indivíduos que não se encaixam nela são grandezas que crescem juntas. Quanto mais bem definido e inalcançável é o padrão, mais pessoas tendem a não fazer parte dele. Os autores classificam esse grupo como desacreditados ou desacreditáveis, pessoas que apresentam características explícitas ou não explícitas que as desqualificam no que tange o desempenho de determinados papéis sociais.

Dessa forma, surge um grupo de pessoas deslocadas socialmente, que não se encaixam nesse padrão estético e buscam meios alternativos para se aproximar dessas características, desde formas mais simples como maquiagem e uso de produtos químicos, até maneiras mais extremas envolvendo cirurgias. Essas ações são realizadas com o propósito de mudar a identidade social virtual e aumentar as chances de ser aceito socialmente (Goffman, 1980).

Segundo Gilberto Freyre³ (1987), a burguesia brasileira do século XIX consumia aquilo que estava na moda na Europa, o que contribuiu para reforçar e importar os padrões estéticos do continente no Brasil. Com o avanço tecnológico no século XX, a criação da TV juntamente com a ascensão do cinema hollywoodiano se tornou um meio de influência e novamente seus hábitos de consumo foram incorporados na cultura brasileira (Quintão, 2013).

Na segunda metade do século XX embelezar-se deixou de ser um tema secundário na imprensa, dando início a uma onda de publicidade de novos produtos voltados para o cuidado com o corpo (Sant'Anna, 2014). O desenvolvimento dessas publicidades, do cinema, da televisão, meios de comunicação do geral que chegam ao grande público ajudou a criar e difundir a necessidade do autocuidado como um ato de amor próprio, com uma rotina diária de cuidados com diversos produtos que prometem rejuvenescimento.

Moreno (2008) disserta sobre essa influência e como o cinema se tornou um fator decisivo na difusão do *American way of life*, estilo de vida norte americano pautado em valores como o consumismo e o poder aquisitivo de forma a obter felicidade, assim, oferecendo visibilidade àquilo que é favorável aos que detêm esse poder:

³ Tendo em vista as críticas fundamentadas às teorias de Gilberto Freyre sobre a democracia racial, ressalta-se que o autor é citado apenas em termos de contexto histórico como base para a discussão sobre a importação de hábitos e padrões, sem adesão de suas concepções raciais.

Realmente a TV nada inventa ou cria, mas ela capta e seleciona determinados comportamentos, valores, figuras ou atitudes e decide dar visibilidade a eles, em detrimento dos demais. O efeito dessa exposição ampliada é líquido e certo: o que se torna visível vira referência ou moda (MORENO, 2008, p. 36)

Ou seja, a indústria cultural de massa se mostra eficaz na capacidade de moldar padrões e pensamentos sociais de maneira indireta, utilizando como instrumento grandes mídias para criar imagens performáticas e disseminar pacífica e lentamente seus valores.

Devido a esses mecanismos de controle, observa-se “uma incessante operação de captura do corpo – suas dores e delícias – pela indústria cultural, transformando o corpo-produtor em corpo-consumidor, e assim tornando-o uma rentável especiaria a se vender no mercado” (Coelho; Severiano, 2007, p. 91). Assim, o corpo mercadoria é transformado não somente em um veículo de lucro pela e para a indústria cultural, detentora de mecanismos de comunicação, mas também em forma de controle social e disseminação de conceitos que merecem ser aplaudidos, conquistados, valorizados e replicados independente das consequências dessa busca.

Conforme Sant'Anna (2014), os primeiros produtos voltados para a beleza foram criados na segunda metade do século 1800 e, na década de 1970, os cuidados com as madeixas no Brasil estavam presentes na venda de produtos para deixar os cabelos com aspecto brilhoso e de cuidado.

Portanto, é possível traçar uma linha na qual, aos poucos, o mercado criou produtos para implementar a lavagem capilar, desde a criação de xampus diversos para variados tipos de madeixas e finalidades diferentes, até a construção da necessidade de uma rotina de cuidados com passo a passo para ter o cabelo dos sonhos. Nesse processo, o cabelo passou a ser “modificado, corrigido e tratado com base em um batalhão de "problemas" e "necessidades" que, sem saber, você tinha...” (Moreno, 2008, p. 42).

Por conseguinte, a percepção do corpo manipulado mediante aparelho ideológico e propagado pela mídia de massa favorece ao indivíduo desenvolver percepções acerca do seu próprio corpo (Sampaio, 2008). Essa estrutura impacta a subjetividade, criando uma autoidentificação positiva ou negativa sobre a construção dessa percepção (Freitas, 2018). Conseqüentemente, interferindo na tomada de decisões com o fito de modificar esse corpo rejeitado e fora dos limites do belo para ser aceito por si próprio e pelos demais dentro do círculo social.

3.3 O “cabelo ruim”

O cabelo, afirmam Félix (2010) e Quintão (2013), é um símbolo de identidade social, um aparelho de status e pertencimento de uso performático individual e coletivo que possui características universais e particulares para diferentes civilizações. No entanto, devido ao sistema de hierarquização de raças e suas características, o cabelo liso é associado a características positivas, recebendo o título de ‘cabelo bom’, ao contrário do cabelo do negro, associado a características ruins e denominado ‘cabelo ruim’.

Esse pensamento tem raízes europeias que remontam o colonialismo no que tange à produção de agressões com o intuito de marginalizar certos povos num controle social que afeta a produção de sua identidade (Moraes *et al.*, 2022).

Nesse caso, a padronização do cabelo recaía inclusive sobre o processo de posse de escravizados, no que os não detentores de madeixas curvas tinham uma certa vantagem na hierarquização dentre o grupo dos escravizados ao realizar trabalhos com menos esforço físico e geralmente dentro das casas grandes (Quintão, 2013). É possível notar um padrão de favorecimento à escravizados com certos traços fenotípicos em detrimento a outros, favorecendo o sistema de valorização de traços como pele branca e cabelo liso que é visto desde a colonização.

Nas décadas de 1920 e 1930 a proximidade da pele negra com associações a doenças e sujeira imperava, sendo chamada de "pele encardida", termo recorrente em publicidades de cremes da época que tinham a pele clara como objetivo: "uma pele branca, delicada e fina, dentro do qual se vê circular a vida, deve ser o ideal de toda mulher" (Sant'Anna, 2014, p. 76). Assim, cria-se no imaginário social, a partir de publicidades, relações de valores entre a pele branca e a negra na qual a negra deve ser escondida e corrigida.

O preconceito baseado em padrões estéticos e destinado a curvatura do cabelo acontece desde a escola, local onde nomes pejorativos dirigidos principalmente aos negros são usados, como ‘ninho de gaúcho’, ‘cabelo de bombril’, ‘fuá’ e ‘nega do cabelo duro’ (Félix, 2010). Ainda segundo o autor, tais nomes atacam não somente a aparência, mas também propiciam certo temor relacionado a doenças, caspa e piolho. Diante disso, esse cabelo é reprimido e manipulado pelos meios de opressão em massa que se adequam ao padrão estético branco europeu e, devido à coação para entrar no padrão e na tentativa de ser aceito socialmente, são usados mecanismos como chapinha, relaxamentos, alisamentos, entre outros para modificar o fio capilar (Félix, 2010).

Tais preocupações se materializam ainda mais quando Moreno (2008) fala sobre a

apreensão de uma mulher militante do movimento negro com a filha de 12 anos ser influenciada pelos padrões que passaram a ser exibidos. A aflição é direcionada mais especificamente para telenovela *Belíssima*, produzida de 7 de novembro de 2005 a 7 de julho de 2006 pela emissora TV Globo⁴, em cuja abertura mostra uma mulher branca e magra, características não presentes em si ou em sua filha. A autora completa: “Assim, vamos sendo sutil e eficazmente colonizadas. Não à força, não com repressão, mas com a produção dessa infinidade de imagens que seduzem, ocupam e moldam nosso imaginário” (Moreno, 2008, p. 31).

Essa fala é reiterada por outro trecho da autora, que narra a experiência de uma criança cacheada ao passar pelo processo de alisar suas madeixas num dia que precisa estar bonita, normalizando a atitude e criando no imaginário da criança uma visão de beleza voltada para o cabelo alisado, diferente de suas madeixas naturais:

A ferro quente me retorciavam os cabelos para formar cachos... Que derreteram junto com a vela enorme que eu segurava, bem no meio da cerimônia. Enquanto a vela me queimava as mãos, eu sentia vontade de sumir do mapa, vontade que crescia à medida que o cabelo se esticava por vontade própria, me deixando com a cara lambida, como atesta a fotografia tirada no dia em que eu era preciso ser bela – ao menos no dia do casamento de minha tia, em que eu era uma dama de honra um tanto gordinha, de cara achatada, metida num longo vestido branco desconfortável (MORENO, 2008, p. 13).

A narrativa demonstra que desde novas, crianças desenvolvem percepções do mundo com códigos e padrões já estabelecidos, aprendendo a descobrir e reproduzir padrões com maior aceitação social e se baseiam neles para construir sua individualidade. O relato narra ainda a realidade de diversas garotas, submetidas a dolorosos processos em nome da beleza, que passaram por experiências desconfortáveis para se aproximarem das características elegidas belas de forma a modificar sua identidade social virtual para conseguir tal feito, como explanado por Goffman (1980).

Em seu livro intitulado *Memórias da Plantação*, Kilomba (2008) conta a experiência de Alícia, mulher negra afro-alemã residente da Alemanha e filha de mulher branca, que passava por situações em que era resumida a sua aparência, ao ponto de tocarem em seu cabelo sem sua permissão:

Eu me sentia como um cachorro sendo acariciado... como um cachorro que está sendo tocado. Eu não sou um cachorro, sou uma pessoa. E [quando eu era criança] minha mãe nunca lhes dizia para parar, embora eu tivesse explicado para ela que eu não gostava daquilo: “Sim, mas seu cabelo é diferente e as pessoas só estão

⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bel%C3%ADssima>. Acesso em: 23 jun 2025.

curiosas!” Ela não entendia por que eu não gostava (KILOMBA, 2008, p. 121).

Nessa situação, a negritude é submetida ao papel de algo exótico e comportamentos como esse são normalizados ao ponto de nem mesmo a mãe da criança assimilar essa atitude como algum tipo de violência ou episódio de racismo, tão comum no universo branco. Aícia descreve também, em seu relato, um momento em que a questionam se ela lava e penteia seu cabelo, reforçando o pensamento de Félix (2010) ao falar sobre o preconceito do cabelo negro e sua associação com doenças, selvageria e falta de higiene. Moraes *et al.* (2022) explica a utilização da estética capilar do povo preto e sua atribuição a características de feiura, dureza e sujeira como comportamentos originados e reforçados pelas raízes coloniais, relação essa reproduzida em diversos sistemas políticos.

Por fim, após muitas lutas, mulheres negras começam a ter aparições em locais de destaque, fora do contexto empregatício subserviente ou marginalizado, num alcance antes reservado apenas para brancos (Moreno, 2008). No entanto, há ainda uma padronização dessa mulher negra, traços como pele não retinta, nariz fino e cabelos cacheados contidos se tornam o novo padrão. Nesse novo cenário, a seletividade exercida sobre os brancos é também recaída sobre os negros, uma nova forma de segregação é criada pelas normas de beleza, afinal “a imagem se aproxima mais, a ponto de parecer formalmente possível de ser alcançada, como modelo – mas continua distante o bastante para ser predominantemente excludente...” (Moreno, 2008, p. 51)

Dentro da ótica latino-americana, essa perspectiva pode ser lida como um espelho distorcido das normas eurocêntricas de beleza (Quijano, 2005). Sendo assim, se para brancos a régua é mais próxima ao padrão europeu, para negros seu reflexo nada mais é que uma imagem borrada e distorcida da realidade. Como resultado, populações latino-americanas crescem se baseando no reflexo daquilo que não é sua realidade, tendo que aceitar a imagem distorcida que não os representa.

Dessa forma, percebe-se o lugar social ocupado por traços que socialmente expressam negritude e a sua inferiorização, criando uma sociedade que fabrica branquitudes ao negar características como os cabelos cacheados/crespos para evitar retaliação.

4. FILME E MEMÓRIA

Memória afetiva, coletiva/social, individual, musical, cultural, histórica. Existem vários tipos de memória com suas diferenciações, no entanto o que todas têm em comum é o ponto chave para que uma memória possa existir, isto é, a capacidade de adquirir, armazenar informações e permitir sua recuperação em lembranças (Baddeley *et al*, 2011). A memória pode ser considerada então, a retenção e rememoração de fatos passados distantes ou não, além de sua recordação despertar emoções e sentimentos significativos.

De acordo com Morigi *et al* (2013), a memória é materializada em monumentos, documentos, ritos, objetos, fotos e quaisquer meios que possibilitem suporte mnemônico para acumular lembranças, incluso obras cinematográficas, seja essa memória advinda de um passado recente ou distante. Neste trabalho, será abordada a memória coletiva como suporte para as discussões posteriores, utilizando a definição de Carvalho (2012) que a delimita como uma experiência vivenciada por um grupo de pessoas que compartilham lembranças similares do ocorrido e, por isso, sua solidificação confere impossibilidade de mudança.

Adentrando na memória coletiva, por muitas vezes lembranças de fatos distantes apresentam em si não somente o evento ocorrido na perspectiva de um indivíduo, mas é construído pela lembrança de outras testemunhas (Bosi, 1979).

É na afirmação de outrem que essa memória se sustenta e se torna concreta, logo, a memória coletiva não existiria sem a memória individual de cada pessoa, que por sua vez se recorda mais facilmente daqueles fragmentos que são mais significativos para si. A autora declara ainda que “há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós.” (Bosi, 1979, p. 408).

No entanto, a intromissão de terceiros em lembranças pode não realizar o papel de reafirmação do fato, além de causar estranheza e confusão ao não conseguir recordar do fato ao qual a pessoa se refere. Para manter solidez na construção da memória social é necessário um grupo de suporte cujas lembranças se apoiam uma na outra, de maneira a fortalecer a consolidação da memória. Esse pensamento é sintetizado por Halbwachs (1990, p. 86) quando afirma que “a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.”

Na área cinematográfica, Merleau-Ponty (1966) declara que o cinema é mais que imagens e frames repetidos um após o outro, mas sim uma sucessão de sentidos que criam

uma realidade, resultando na percepção do Todo⁵ pelo espectador. O Todo vem a ser a percepção de nós enquanto seres humanos e nosso contato com o mundo, desse modo cada peça cinematográfica seria uma experiência diferente e nova entre filme e espectador. No entanto, não é possível orientar-se apenas com o dado da percepção, sendo necessária a memória para reter informações anteriores de modo a obter lembranças passadas e definir ações futuras, sendo um fator determinante na formação de identidade (Morigi *et al*, 2013).

Ou seja, a obra cinematográfica é um catalisador da memória e formador de identidades devido a sua característica de despertar o ato de reter e interpretar informações, influenciando ações e pensamentos na incorporação dos elementos manifestados no enredo ao entendimento individual de mundo.

4.1 O Diário da Princesa e a construção do belo

O Diário da Princesa é uma série de romance norte-americano composta por 11 livros escritos nos anos de 2000 a 2015 pela autora estadunidense Meggin Patricia Cabot. Entre os livros, houve uma adaptação para o cinema de mesmo nome baseado no primeiro livro da série e uma sequência não baseada em nenhum livro.

A análise é realizada sobre o contexto do primeiro filme, uma comédia estadunidense de 2001 que narra a vida de Amelia Mignonette Grimaldi Thermopolis Renaldo, conhecida como Mia Thermopolis, uma adolescente de 15 anos que descobre ser filha e herdeira do falecido príncipe governador de Genovia, um pequeno e fictício país europeu. Com essa descoberta, em meio a aventuras e aos dramas da vida adolescente, Mia tem de decidir entre assumir a sucessão ao trono real sob os cuidados de sua avó ou renunciá-lo e continuar a ser a pessoa comum que sempre imaginou ser.

O filme foi um sucesso de bilheteria e, diante de seu alcance, algumas questões devem ser pontuadas e analisadas. Antes de ter conhecimento sobre a parte real da família, Mia é apresentada como uma adolescente comum e interpretada com estereótipos de nerd (Figura 1): roupas longas, cabelo ondulado desarrumado, óculos e jeito desengonçado, ao que tudo indica alguém desleixado com sua própria aparência.

⁵ O termo é citado pelo autor em letra maiúscula.

Figura 2: Mia no começo do filme



Fonte: <https://www.purebreak.com.br/midia/em-o-diario-da-princesa-mia-anne-hat-366025.html>.

Acesso em: 31 jul 2025.

Esses estereótipos destoam com os de suas colegas de escola, principalmente com a antagonista Lana Thomas: loira, popular, integrante das líderes de torcida e namorada do garoto popular da escola, Josh Bryant. Sem medir esforços para intimidar e tornar a vida de Mia difícil, o rancor de Lana é acentuado ao seu namorado trocá-la pela protagonista, cego pela fama que a Mia poderia proporcionar.

Assim como Lana, quase todos os personagens do longa compartilham a mesma característica: cabelos lisos com ondulações nas pontas. Essas ondulações se mostram não naturais ao que a trama avança e é possível notar as ondas não como característica própria do personagem, mas artificialmente produzidas (figura 2). A representatividade de curvaturas se faz em parte presente nesses termos, explicitando a diferenciação entre o belo aceitável e o feio desarrumado: enquanto a ondulação artificial é bonita, desde que realizada de maneira opcional, cachos mais fechados são desleixados.

A aparência ainda é destacada por um fator recorrente em filmes juvenis norte-americanos: a existência de um grupo conhecido pela popularidade e alvo de desejo pelo restante da escola. Nesse caso, esse papel é definido principalmente por Lana e Josh, por quem Mia tem interesse no início do filme. Esses personagens possuem, em comum, o padrão de beleza caucasiano europeu: brancos, loiros e em maior parte lisos.

Figura 2: O cabelo de Lana durante o filme



Fonte:

<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/07/mandy-moore-comemora-20-anos-de-o-diario-da-princesa-com-album-dos-bastidores.html>, (2001). Acesso em: 07 jan 2025.⁶

Como o longa não possui diversidade de atores negros em sua produção, o contraponto a esses personagens dentro da trama é realizado utilizando características capilares. Mia é representada com cabelos ondulados, volumosos e rebeldes, seguindo o estereótipo da garota nerd, assim como a própria Mia se referiu: ela tinha o desejo de ser invisível.

Na narrativa, a noção sociológica de hierarquia de raças (Munanga, 2003) é trazida no sucesso social da vida escolar, na qual traz o sentido de desejo pela popularidade e ao mesmo tempo de ridicularização daqueles que não o pertencem. Ao analisar os estereótipos das personagens e suas características é possível estabelecer dualidades entre a Lana e Mia: lisa e cacheada, popular e desengonçada, estilosa e desajeitada. Ou seja, enquanto Lana está no topo da hierarquia, Mia se encontra na base.

A presença dessa representação reforça aspectos de inferioridades não somente pela narrativa da nerd desengonçada, mas também por associá-la ao estilo de cabelo curvado, vinculando-o a uma característica ruim, não desejada, comportamento advindo de raízes coloniais (Moraes *et al.*, 2022).

Apesar de relutante, ao se ver encurralada entre aceitar ou não o trono até o dia do baile real, Mia aceita o acordo de ter aulas com sua avó para aprender a ser uma princesa. É durante essas aulas que uma das cenas mais famosas do filme ocorre, Mia passa por um dia de beleza na qual sua aparência é mudada a fim de se adequar ao esperado de uma princesa

⁶ Painel feito pela autora (2025).

(figura 3) e, entre pintar as unhas e usar maquiagem, uma das mudanças que ocorre é o alisamento de seu cabelo naturalmente cacheado.

Figura 3: Antes vs depois de Mia



Fonte: <https://recreio.com.br/noticias/entretenimento/4-coisas-que-nao-fazem-sentido-em-o-diario-da-princesa.html>. Acesso: 07 jan 2025.

Durante o processo, Paolo, profissional responsável pela transformação, refere-se ao cabelo de Mia como ‘cabelo duro’ e fica bravo ao quebrar uma de suas escovas na tentativa de desembaraçá-lo. Essa fala retoma o pensamento de Félix (2010) no que diz respeito aos diversos nomes que são dados às madeixas curvas, principalmente durante a escolarização, bem como a fala de Moraes *et al.* (2022) que atribui à colonização a associação dessas madeixas à sujeira, dureza e feiura, dessa forma propiciando um ambiente de coação ao uso de alternativas para alisar as madeixas.

Félix (2010), discorre ainda sobre a concepção de relacionar o cabelo cacheado a falta de higiene e de cuidado, além disso, ao alisar suas madeixas, Mia percorre o processo de branqueamento, aderindo consciente ou inconscientemente ao padrão do que é socialmente aceito e bonito, ou seja, essa mudança de visual nada mais é que um paralelo social entre o que é belo e o que não o é (Lindoso, 2017).

É possível ver em Mia a alteração de sua identidade social perante seus colegas após as mudanças e como a transformação a qual foi submetida, juntamente da explanação de seu parentesco com a realeza, alteraram sua posição na hierarquia social escolar e a fizeram ascender. Ou seja, Mia passou pelo processo de branqueamento e obteve não somente validação hierárquica, visto que sua aparência modificou a forma de ser enxergada pelo mundo, bem como aceitação social ao ser incluída no círculo social escolar.

Essa representação apresentada no filme molda a concepção do espectador acerca dos valores e do significado do seu próprio cabelo e dos demais, vindo a partir dele um reflexo distorcido e colonizado de si e da sociedade, dessa forma incorporando conscientemente ou não conceitos pré-estabelecidos que são internalizados e replicados para fora das telas, afetando a autoidentificação e a percepção de si (Sampaio, 2008).

4.2 Narrativas e percepções

Após análise do filme sob perspectivas raciais, decolonial e de normas estéticas capilares, foi elaborado uma série de perguntas para compreender o impacto do controle social que padroniza o branco europeu como a beleza ideal entre mulheres negras e cacheadas, que tiveram a influência do filme *O Diário da Princesa* e se houve interações de reforço ou atenuamento desse comportamento durante e após a adolescência dessas mulheres.

Ao todo foram entrevistadas quatro mulheres residentes de Fortaleza, no Ceará, e São Cristóvão, em Sergipe, com idades de 19 e 21 anos que se encaixam nos critérios de curvatura do cabelo, tom de pele e conhecimento do filme em questão por o terem assistido ainda na adolescência. A conexão com elas foi realizada através de proximidade ou mediante conhecidos. Para preservar a identidade das entrevistadas, foi escolhido usar nomes fictícios para cada uma e para os demais envolvidos citados.

4.2.1 Branca demais para ser negra, negra demais para ser branca

Se a interação das relações sociais entre indivíduos criou novas identidades (Quijano, 2005), no Brasil, um dos fatores que contribuiu para a ideia de novas identidades foi a tentativa de branqueamento da população. Resultado da teoria de hierarquização de raças e da colonização que explorou os povos originários e escravizou negros africanos, havia esforço para embranquecer a população brasileira: “Esse branqueamento começou pelo estupro da mulher negra e originou os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem de cor...” (Munanga, 1999, p. 93).

Era visto na mestiçagem a salvação racial em que gradativamente a população iria embranquecer, diminuindo aos poucos a população negra do país numa estratégia que Nascimento (1978) classifica como genocídio racial, cujo objetivo é a extinção da comunidade negra. Além disso, foi concebida uma forma de se referir aos negros de pele mais clara ou aos negros que ascenderam socialmente sem de fato os chamarem de negros, está

criada então uma nova classificação hierárquica ainda inferior aos brancos, no entanto superior aos apenas negros: moreno, o negro com alma de branco (Munanga, 1999).

Essa problemática das identidades brasileiras e da autoidentificação se apresenta em Marina ao ouvir comentários sobre ter a pele clara demais para ser negra. Além disso, Helena e Isabela passaram por situações similares.

Eu me considero uma mulher parda e eu tive mais convicção de me afirmar como parda quando eu entrei no ensino médio, ali foi quando eu comecei a ter acesso ao Enem e a gente precisa colocar como se autodeclara, eu precisava responder aos questionários. Acontece que eu nunca me considerei uma mulher branca porque o meu grupo de amizades de escola e da vida, eu via que eu não era como elas, eu não tinha o cabelo liso, o meu nariz não era fino, eu não tinha uma pele clara. Lembro que eu sempre fui muito espilicute⁷ na questão de fazer maquiagem e tinha um grupo de amigas, eram cinco meninas, todas elas eram brancas e nessa época a maquiagem já era horrível, tinha pouquíssimos tons e eu ficava super desconfortável porque não era meu tom, eu ficava parecendo uma fantasma. Eu odiava, é tanto que eu acabei deixando de andar com elas, sendo que era o que eu mais gostava de fazer porque elas tinham os mesmos gostos que eu. Nessa época, eu já entendia que eu não era branca, mas eu também não sabia o que é que eu sou. Eu sabia que eu não era negra porque eu via minha mãe, ela era a minha referência de negritude, minha mãe, minha avó e minhas tias todas elas são mulheres negras, só que eu via e eu também não era aquilo e aí amadurecendo, ali no oitavo ano que eu fui entendendo o conceito de pardo, de onde o conceito vinha, eu fui amadurecendo essa ideia eu achei o grupo que eu participo (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

Essa fala da Helena é característica do conflito brasileiro derivado da miscigenação, que segundo Munanga (1999) é a troca de genes de variáveis intensidades e duração entre populações biologicamente divergentes que interagem com as noções, principalmente ideológicas, que se tem dos indivíduos fruto desse processo e do comportamento por eles adotados em função dessas noções.

Visto que o processo de formação da identidade nacional brasileira foi fundamentada na ideia eugenista de branqueamento populacional, criando novas identidades mestiças, como os pardos, instaurou-se a sensação de incerteza e não pertencimento a nenhuma das classificações que definem o povo brasileiro. Essa sensação se fez presente em Helena ao sentir que não se encaixava nem no grupo de suas amigas brancas nem com sua família negra. Essa mesma sensação de não pertencimento é citada por Isabela:

Aconteceu muito recente [de me reconhecer como mulher negra]. Eu tinha medo de falar sobre isso e [de falar] com outras pessoas porque geralmente era muito problemático, ou eu era branca demais para ser preta ou eu era preta demais para ser branca [...] e tipo, 'velho', eu tenho que me identificar de alguma forma (Isabela, 19 anos, 07 fev 2025).

⁷ Espilicute ou ispicute é uma palavra popular nordestina com sentido de desinibida, faceira, bonitinha, vaidosa, espevitada, que se amostra, que quer aparecer, assanhada.

Dessa forma, a implantação de novas identidades mestiças desnor-teou a noção de raças, concebendo uma nova categoria intermediária no sistema de hierarquias encontrada entre o branco e o negro. Essa nova disposição origina, por vezes, julgamentos entre o certo e o errado dentro das categorias mestiças, interpretação que mais tem a ver com pertencimento e autoidentificação que são construídas ao longo da vida do indivíduo do que com símbolos cromáticos de procedência eugenista para classificar as populações mestiças. Na perspectiva de Lara:

Se entender como uma mulher negra envolve muitas questões, muitas delas até dolorosas, como entender as suas próprias dores, e situações que você passou sendo uma pessoa preta (Lara, 21 anos, 29 jan 2025).

Esse processo de autodescoberta e entendimento de si mesmo perante a sociedade é comum a pessoas não brancas, sejam elas negras ou mestiças, geralmente ao se entenderem como o “diferente” em situações em que a questão do tom de pele se torna mais evidente em falas de cunho racista:

Quando eu era criança eu participava de um coral da igreja, eu era muito pequena. Ainda lá na minha cidade tem uma tradição que é a coroação da santa e aí ‘tava’ para escolher meninas para fazer a coroação da santa e eu queria fazer isso, aí teve uma amiga minha que falou assim “eu acho que você não pode porque você é muito escurinha pra você fazer” (Isabela, 21 anos, 29 jan 2025).

Dessa forma, populações mestiças que carregam em si a marca dos esforços do branqueamento racial brasileiro, além de não serem lidas em primeira instância como negras. Apesar disso, ainda são alvo das teorias raciais que hierarquizam e discriminam populações não brancas numa demonstração de poder que esclarece a detenção de alguns privilégios quanto à passabilidade branca, mas, ainda assim, não é pertencente ao grupo dominante.

4.2.2 “Todo mundo tem cabelo liso”

Segundo Félix (2010), o preconceito e a pressão estética destinada a questões capilares ocorre desde a escola, onde crianças começam a construir a ideia de “cabelo bom” e “cabelo ruim”. Esse pensamento é reiterado pelo estudo realizado por Rosa e Onofre (2018) acerca do cabelo da mulher negra na construção de sua estética e identidade, o qual evidenciou que a entrada das meninas negras na escola “é o momento quando elas percebem o

significado do ser negra e é quando vivenciam suas primeiras experiências de racismo” (Rosa; Onofre, 2018, p. 579).

A narrativa não foi diferente com Helena que, tomada pela iniciativa de sua prima de usar o cabelo natural, viu o centro das atenções voltadas para a novidade, seus cachos:

Quando eu tinha uns dez, onze anos, antes de eu ir para o fundamental II, foi bem na época antes de surgir os cremes de pentear para cabelo cacheado, poucas pessoas realmente estavam comprando o creme. A minha prima, ela era adolescente e queria seguir todas as tendências, como eu era muito próxima dela, por consequência fui seguindo também. Eu lembro que eu fui uma das primeiras meninas da minha sala, por exemplo, que realmente tinha o cabelo cacheado e parou de usar só penteado, então, na minha sala eu era uma das primeiras a aparecer com meu cabelo, e era tão baixinho, porque eu entupia de creme, era o cacho mais definido que eu podia fazer. Lembro que assim que eu cheguei nas primeiras semanas, eu não vi diretamente, mas fiquei sabendo que tava todo mundo falando que era pra eu ter alisado, que eu era muito mais bonita só de penteado, que o meu cabelo era muito volumoso, isso eu fazendo a fitagem para deixar o cabelo mais definido possível e sem frizz. Na época, eu pensei muito em só alisar de vez, isso foi a parte que mais pegou em mim foi na época e eu escutei muita gente falar mal e me desmotivou de certa forma, assim que eu fiquei sabendo que eu era o alvo eu voltei a usar penteado (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

Pelas palavras de Helena, a opressão relacionada ao seu cabelo natural ocorreu já em sua infância, período em que a maneira de manusear seu cabelo foi motivo de críticas e de falatório por terceiros, opiniões formadas que moldam a maneira como seu cabelo cacheado deve ou não ser utilizado.

Cercada por pessoas brancas e lisas, seus cachos soltos logo viraram alvo, uma mudança vista com maus olhos por seus colegas. De acordo com Moreno (2024), a idealização da beleza perfeita produz padrões e o desejo de se enquadrar, criando efeitos de inadequação e baixa autoestima aos que nele não se encaixam. Esses efeitos foram sentidos por Helena ao perceber a opinião e os comentários de seus colegas acerca de seu cabelo cacheado, não mais preso e escondido por um penteado.

É possível ainda fazer um paralelo entre as experiências vividas por Alicia (Kilomba, 2008) e as experiências de Helena, ambas estiveram em situações de maioria branca em que, devido aos seus traços fenotipicamente diferentes, foram submetidas ao papel de exótico:

Do meu tom de pele eu nunca fui [alvo de comentários], eu sei que já falaram do meu nariz muito aberto e falavam que minha boca era muito empinada, só que eu não acho nem um, nem outro, era tipo pessoas brancas vendo coisas diferentes das deles. Sei que já falaram disso porque também foi na época lá do cabelo e essas coisas, eu lembro que tava voltando muito os traços de negros, tipo boca grande, nariz mais aberto e aí como eu era uma das mais escuras da minha sala eles queriam enquadrar tudo que falavam de pessoas negras em mim (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

Ainda segundo a autora de Memórias da Plantação, o que torna uma pessoa diferente é a classificação que a difere de características possuídas por aqueles que detêm o poder de ditar a si mesmos como o “normal”. A mãe de Alicia não se vê como diferente, apesar de enxergar divergências entre si e sua filha, da mesma forma pessoas brancas enxergam diferenças em Helena, apesar dela própria não as notar, “ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação (Kilomba, 2008, p. 121)

Para tentar se encaixar no padrão imposto e ser vista como bela, Helena utilizou-se ainda de alguns artifícios:

Eu peguei uma mania, a parte da frente do meu cabelo, eu ficava puxando ele com a mão. Foi tipo um ano e meio fazendo o mesmo movimento todos os dias, eu pegava e puxava com a mão como se eu tivesse alisando com a mão, é tanto que no meu fundamental II mais ou menos, quando eu entrei no sexto, sétimo ano, essa área da frente do meu cabelo tava toda alisada. Só essa pressão que eu botava todo dia no meu cabelo foi alisando essa parte daqui e eu comecei a fazer isso justamente porque eu pensava ‘nossa, pelo menos a minha frente é lisa’, era minha justificativa para lidar. Não era aquele liso, era um cacho bem aberto, mas depois que começou a crescer voltou a normal o cacho, depois de muito tempo, foram tipo dois anos para eu parar de fazer isso (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

A urgência por performar características socialmente associadas à pessoas brancas e a necessidade de se sentir aceita dentro do seu grupo influenciaram o surgimento de um comportamento contínuo de tal maneira a modificar a longo prazo a estrutura física de seu fio, uma válvula de escape para amenizar sua frustração com o cabelo. Esse cenário é uma demonstração de como se opera a violência motivada pela fabricação ou aproximação da branquitude para se encaixar em padrões de beleza coloniais, a fim de evitar retaliações públicas (Kilomba, 2008).

Dentre as quatro mulheres entrevistadas, Isabela foi quem demonstrou ter a melhor relação com seu cabelo, apesar de também ter passado pela pressão social que influencia a manipulação do cabelo para alterar sua estrutura e atualmente se vê bem com seu cabelo natural:

A relação com meu cabelo [na adolescência] era muito boa, eu nunca tive muito problema com ele, a não ser quando a gente passa daquela fase na adolescência que toda menina tem um cabelo super liso e você quer ter o cabelo super liso igual toda menina padrão branca, mas fora isso nada muito problemático (Isabela, 19 anos, 07 fev 2025).

Essa proporção demonstra como é comum que mulheres negras se sintam

pressionadas, ainda na infância e adolescência, a se adequar ao que a sociedade impõe como belo, mesmo que de forma inconsciente, e internalizam esses conceitos, naturalmente difundindo pensamentos raciologistas de classificação e hierarquização de raça. Está criado, então, um ciclo de reforço e manutenção de branquitudes coloniais racistas. Apesar de Isabela não ter cedido à pressão de procedimentos estéticos em suas madeixas, a realidade de Marina é outra:

Eu acho que foi muito ruim [a relação] com meu cabelo, ele era muito, muito cheio. Quando eu era mais jovem tinha uns comentários de que eu era Gal Costa, não era um elogio. Quando eu passei para adolescência, eu adolescente e não sabia como deixar meu cabelo bonito eu comecei a alisar, eu acho que até os 20 anos por aí. Só que chegou um momento em que é muito cansativo, era um dinheiro que eu poderia usar para outra coisa e aí eu parei de alisar, de usar química, mas ainda dava escova, ainda fazia chapinha. Eu só fui realmente parar quando eu fiz 21 anos que eu me mudei para cá [São Cristóvão] aí eu via pessoas que tinham [cabelo cacheado], que poderia usar seu cabelo livremente e aí eu queria ser assim também, queria ter essa autonomia de me achar bonita com meu próprio cabelo do jeito que ele é (Marina, 21 anos, 14 fev 2025).

A ideia do cabelo bom e perfeito, reforçado por comentários de pessoas próximas, transformados numa forma de violência e preconceito verbal, foi o incentivo que conduziu Marina a alisar seus cachos durante boa parte de sua vida.

Esses mecanismos de modificação da estrutura do fio capilar são resultado da manipulação social e opressão a características associadas à raça negra que coagem o indivíduo a mudar sua identidade social virtual para se adequar àquilo que é imposto (Goffman, 1988). Além do preconceito vindo de terceiros, esses tipos de comentários são internalizados pelo indivíduo, que passa a carregar o peso de tais palavras.

Foi somente ao estar num ambiente em que o cabelo curvo é normalizado que Marina conseguiu enxergar beleza nas suas madeixas e decidiu usá-lo natural. Já Lara, apesar de não ter manipulado seu cabelo artificialmente, também passou por um processo de aceitação que perdurou sua infância e adolescência:

Eu lembro que eu entrei no ensino médio em 2018 e foi bem naquela época em que estava o boom de assumir os cachos, no youtube tinha muito as blogueiras falando sobre e foi quando eu comecei a entender de onde vinha toda raiva que eu sentia do meu cabelo. Não era uma raiva que eu sentia por mim, foi uma raiva que me foi colocada, que as pessoas falavam ‘ai, seu cabelo é muito volumoso, isso não é legal, o seu cabelo tem que estar sempre alinhado, seu cabelo tem que estar sempre definido’, então não foi algo que eu criei por mim sozinha, foi algo que realmente as pessoas viam e refletiam em mim. Então eu comecei a trabalhar isso de uma maneira que eu comecei a olhar para o meu cabelo com mais carinho, passei a olhar para o meu cabelo como uma parte de mim, meu cabelo diz algo sobre mim, sobre minha identidade, sobre os meus antepassados, por que que eu vou ter raiva disso? Eu digo que a minha entrada no ensino médio foi quando eu comecei a ter consciência de

quem eu sou de fato. Claro que não é nem um terço da consciência que eu tenho hoje. É isso, sabe, eu comecei a ver outras pessoas aceitando os seus cabelos e eu falei ‘porque não? porque não o meu?’ (Lara, 21 anos, 29 jan 2025).

Quando Lara reflete sobre a raiva que sentia pelo seu cabelo voltado para as características próprias dele e afirma que não foi uma raiva criada por ela, mas sim um reflexo daquilo que as pessoas pensavam e comentavam, ela está sintetizando o pensamento de Ribeiro e Moraes (2020), no qual o preconceito racial internalizado tende a influenciar o indivíduo ao sentimento de ódio diante de sua autoimagem. Surge, assim, o desejo de mudança e as tentativas de amenizar as características vistas como negativas do cabelo cacheado:

A medida que eu ouvia de colegas do balé ou da escola que meu cabelo é volumoso, que eu não deveria usar meu cabelo daquela forma, que eu deveria alisar, isso foi mudando minha relação porque eu comecei a enxergar meu cabelo como um defeito e eu ficava olhando pro meu cabelo, pro frizz, pro volume e era aquela coisa constante de molhar. Se tiver molhado ele vai ficar baixo (Lara, 21 anos, 21 jan 2025).

Por conseguinte, diante dos relatos feitos é possível afirmar que o racismo é uma realidade dentro da vivência de mulheres pretas e pardas brasileiras, preconceito esse de origem colonial para manutenção do sistema social de poder que se materializa pela via fenotípica, ou seja, de acordo com as diferenças de características como cor da pele, traços negroides e cabelo (Moraes *et al.*, 2022).

4.2.3 “Eu quero ser assim”: autoidentificação e representação

Dentre as quatro mulheres entrevistadas, nem todas se lembram tão vividamente sobre a trama e o desenvolvimento do filme, no entanto, foi unânime o não esquecimento de uma cena em específico: a transformação visual realizada em Mia (Figura 3). O fato de todas as mulheres terem a imagem nítida, em maior ou menor grau, do acontecimento sustenta o argumento de Bosi (1979) de que alguns fragmentos da memória são mais fáceis de serem acessados quando são mais significativos para o indivíduo, nesse caso a cena em questão se faz presente coletivamente na mente das entrevistadas.

Entre os sentimentos aflorados pelo episódio estão a raiva, a tristeza e principalmente o ato de questionar:

É muito nítido aquele cabelo bagunçado, aquele cabelo da personagem totalmente

desligada da própria aparência, da própria vaidade. Quando ela muda de vida que ela vira princesa, ela fica com aquele cabelo liso, impecável, alinhado, só que é uma coisa você questionar por quê? Enquanto ela está sendo retratada com desleixo ela tá com o cabelo cacheado e a partir do momento que ela ascende, que ela vira princesa, descobre a origem dela, ela parece super vaidosa e com o cabelo totalmente liso. É uma coisa que sempre me pegou muito (Lara, 21 anos, 29 jan 2025).

O questionamento referente ao visual da personagem se estende para além de apenas aparência, mas se atenta ao sentido que esses diferentes momentos significam. Por que como uma adolescente comum seu cabelo é volumoso e desleixado e quando princesa, liso e alinhado? Que tipo de semântica essas duas versões representam? Esses questionamentos foram anteriormente respondidos por (Quintão, 2013; Félix, 2010; Kilomba, 2008) ao associarem o cabelo no âmbito espacial, colonial, social, racial e político, que geraram desconforto nas entrevistadas ao verem sua própria imagem refletida na Mia:

Quando eu era criança, aquilo me dava raiva. Eu achava ela linda já antes e eu também achava ela linda depois, só que aquela transformação me dava raiva e eu não sei identificar o motivo maior da minha raiva. Eu fico tentando pensar se era porque eu também queria passar pela mudança, ou porque eu queria que ela gostasse do cabelo cacheado (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

Novamente, vem à tona pensamentos conflituosos de ódio direcionados à imagem de si, bem como à imagem de Mia. Nesse caso, a personagem é vista como um reflexo, uma representação dos pensamentos e sentimentos da espectadora, representando tanto o desejo de aceitação advinda do alisamento do cabelo, realidade não palpável fora das telas, quanto a ânsia pela aceitação de suas mechas naturais. O conflito interno entre aceitação pessoal e aceitação social é transferido para a personagem, causando inquietação e revolta “Eu ficava pensando ‘ela tá perfeita, ela tá incrível. Eu quero ser assim. Por que eu não sou assim?’ ” (Helena, 21 anos, 21 jan 2025).

Tais questionamentos vindos de Helena retomam à questão da representatividade e da influência que o controle sobre o corpo, principalmente àquele exposto por meios de comunicação, apresenta em sociedade e seu impacto na percepção da autoimagem individual (Freitas, 2018). Esse impacto reage de diferentes formas em indivíduos, enquanto o desejo do cabelo liso estava ainda restrito ao campo da idealização para Helena, para Marina, o filme foi um dos pontos de influência que a fizeram de fato alisar seu cabelo em busca de manipular sua identidade social virtual e obter aprovação pessoal e social (Goffman, 1988).

Há casos também em que essa representação não é performada apenas pelas mídias, mas está presente no imaginário social:

Eu sempre fui bailarina, entrei no balé com quatro, cinco anos e saí com dezessete anos. Eu sofri muito por causa dos penteados nas apresentações, eles davam muita ênfase de que eu precisava diminuir o volume do meu cabelo e deixar ele o mais alinhado possível, para ele não parecer bagunçado e volumoso porque isso não passa a imagem de uma bailarina. Foi algo que, ao longo dos anos, me fez com que eu tivesse uma relação com meu cabelo muito vergonhosa, conflituosa (Lara, 21 anos, 29 jan 2025).

A partir dessa fala é possível traçar um paralelo entre Lara e Mia no que tange ao papel social do cabelo não liso. Lara, inserida no ambiente do balé durante a infância, foi alvo de comentários e críticas sobre a inadequação da estrutura de seu cabelo cacheado no papel de bailarina. Já no filme, ao modificar a estrutura do fio capilar como um dos processos necessários para a transformação de Mia, a obra transmite a mensagem de que o cabelo cacheado não se adequa ao visual ideal para uma princesa. Em ambos os casos, os cachos foram reprimidos e retirados de protagonismo, demonstrando serem inapropriados para representarem bailarinas e princesas, papéis geralmente representados pela elite branca que estão constantemente sendo vistas pela mesma branquitude que a compõe e rejeita traços fenotipicamente diferente dos seus.

Quando perguntada se o filme modificou sua maneira de enxergar o próprio cabelo, Lara demonstrou desânimo:

Cara, não a maneira como eu enxergo meu cabelo, mas a maneira com que eu vejo que as pessoas enxergam o meu cabelo. É como eu disse, hoje em dia eu já tenho uma relação muito boa com meu cabelo, sou livre para fazer tudo que eu quiser com ele, mas ver o cabelo dela ser retrato daquela forma no filme virou uma chave na minha cabeça sobre a forma como pessoas enxergam o cabelo cacheado, isso é muito triste (Lara, 21 anos, 29 jan 2025).

Trata-se, portanto, que as mídias, mais do que meio de comunicação e disseminadora de informações, constrói e manipula realidades num controle social sutil mediante produção e veiculação de imagens valorizadas socialmente, imagens essas construídas em cima de valores coloniais que utiliza o corpo negro como vitrine da suposta inferioridade social, desnaturalizando seus traços, cultura e símbolos, assim como o cabelo (Moraes *et al*, 2022).

Tais efeitos são esses que não se faz necessariamente fundamental a presença física do corpo negro para transmitir noções hierárquicas de beleza entre os traços fenotipicamente raciais. Como demonstrado, a representação do uso do cabelo afetou mulheres pretas e pardas, mesmo sem haver atores negros envolvidos no enredo principal, o que já produziu efeitos suficientes para criar autoidentificação com as espectadoras e, como consequência, influenciar em suas autopercepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou como as grandes mídias são responsáveis pela proliferação de padrões de beleza brancos pautados nas teorias raciais de hierarquização em classes de raça, analisando seus efeitos na percepção das características capilares entre mulheres de 19 e 21 anos após assistirem ao filme O Diário da Princesa ainda na fase da adolescência.

Ao longo do trabalho, compreende-se como se formou a divisão populacional atual pautada em sistemas de dominação que dividem pessoas, povos e nações em categorias raciais baseadas em traços fenotípicos e cria identidades para se diferenciar do ‘outro’. Verifica-se ainda, como o poder das grandes mídias está em mãos brancas de descendentes da casa grande, resultado do processo de colonização que escravizou negros africanos e indígenas originários. Esse processo deixou marcas na população brasileira ao fabricar branquitudes para se aproximar da idealização branca de beleza, moral, ética e sabedoria enquanto cria racismos contra sua própria população.

A partir desse pensamento, entende-se como a beleza está relacionada ao poder e às mídias, uma vez que os grandes veículos de comunicação estão em poder de homens brancos que criaram o mito da beleza e atribuem valor às mulheres numa competição de beleza para manter seu próprio domínio. Essa parcela da população possui o poder necessário para controlar e manipular produtos e programas, apropriando-se do corpo e de suas representações para disseminar suas crenças, dessa forma produzindo um sistema que exalta traços similares aos seus enquanto deprecia os diferentes.

Além disso, o Brasil passou a importar os padrões de beleza europeus e o consumismo norte americanos, produzindo publicidades que fabricam necessidades e noções de autocuidado com diversos produtos para supri-la. Dessa forma, a indústria molda padrões e pensamentos, criando carências e problemas que precisam ser corrigidos. A imagem que se tem desse corpo manipulado pelos meios de comunicação favorece ao indivíduo criar percepções acerca de si mesmo e do seu próprio corpo, incitando-o a tomar ações para modificar seu corpo e se adequar às normas sociais.

Assim como o corpo, o cabelo também é capturado pelos grandes veículos de comunicação e se torna alvo da pressão estética. Associado a isso, estão as implicações quanto às interações sociais e a hierarquia de raças, que relacionam o cabelo liso a características boas e o cacheado e crespo a características ruins, relações essas de raízes coloniais que produz agressões com o intuito de marginalizar e afetar a identificação de certos povos. Essas agressões são percebidas já na infância e afetam a construção e reprodução de

padrões, noções que auxiliam na construção da individualidade, resultando na modificação artificial de suas madeixas para se encaixar socialmente e obter aprovação.

A partir das contribuições teóricas é possível observar como esses discursos se relacionam com o filme *O Diário da Princesa* e como se apresentam. Embora a obra cinematográfica dos anos 2000 não tenha representatividade de atores negros, principalmente no enredo principal, foi possível observar uma divisão social no âmbito escolar, que dialoga com os conceitos de raça na via fenotípica e dispõe em pontos opostos Mia e Lana.

Ao lado de traços de personalidade e da posição social que cada personagem ocupa no ambiente escolar, o filme retrata um sistema de hierarquia que se assemelha à realidade, no qual os lugares sociais são, em parte, definidos por características estéticas baseadas em seus traços capilares. Nesse cenário, Mia se torna uma representação de povos negros, enquanto Lana ocupa o lugar social vinculado à branquitude.

A aproximação com a realidade torna-se ainda mais evidente quando Mia precisa passar por um processo de transformação para adquirir o “visual de uma princesa”, processo que sofre agressões, expressas em comentários depreciativos sobre seu cabelo, e tem suas mechas alisadas, cedendo à manipulação para se enquadrar no que se é esperado para uma princesa e modificar sua identidade social virtual.

O filme torna-se, então, uma representação da realidade social enfrentada por mulheres cacheadas e crespas, principalmente negras, que sofrem pressões para se adaptar ao padrão de beleza hegemônicos. Apesar de ser uma produção estadunidense, a obra exerce influências em território brasileiro, reflexo da importação de hábitos de consumo estrangeiros, sobretudo do cinema. Ou seja, o filme, enquanto produto midiático, recai no exposto acima como mais uma forma de manipulação corporal e capilar de disseminação de valores coloniais.

Para entender esse processo, foi preciso compreender como se dá a assimilação entre filme e memória. O cinema, como sucessão de acontecimentos que cria uma realidade na qual o espectador possui uma percepção em sintonia tanto consigo mesmo, quanto para com o mundo, se torna uma experiência única para cada indivíduo.

No entanto, a memória, enquanto capacidade de adquirir, armazenar e rememorar, para reter informações passadas e lembrá-las, viabiliza a formação de identidades. Ou seja, o filme é um formador de identidades ao possuir o ato de reter e interpretar informações, se conectando ao enredo e ao entendimento subjetivo de mundo do espectador. Dessa forma, foi possível analisar as relações de intersecção entre o filme em questão e as memórias das entrevistas a seu respeito, entendendo como a disseminação de padrões interfere nas percepções entre o grupo de mulheres entrevistadas.

Visto que a obra fílmica se associa à relação de mundo do espectador, antes de adentrar no enredo do filme, fez-se necessário compreender as entrevistadas no contexto espacial e subjetivo de racialidade no qual se encontram. Foi observado unanimidade na dificuldade do processo de autoreconhecimento racial e identitário, herança do período pós-colonial em que imperou movimentos de branqueamento da população brasileira na tentativa de genocídio dos negros. Assim, com a mestiçagem, foram criadas novas identidades brasileiras que podem não ser lidas nem como negras nem como brancas. Essa visão do outro interfere na percepção de si e dificulta a identificação de subjetividade, condição presente nas quatro mulheres entrevistadas.

A opressão capilar também foi assunto recorrente em maior ou menor grau. Assim como visto nas teorias revisadas, as repressões se iniciaram ainda na infância e se estenderam pela adolescência, obtendo respaldo principalmente por comentários de teor racista que lhes eram proferidos. Como resultado, todas demonstraram, em certa idade, desejo de ter cabelos lisos na tentativa de se aproximar da branquitude e evitar retaliações públicas, resultando em uso de químicos e de alisamento por tração.

Foi analisado ainda que o filme serviu como um pontos de influência para a modificação estrutural do cabelo, além de despertar sentimentos de raiva, ódio e questionamento quanto às escolhas capilares do filme, principalmente na mudança da personagem principal e no significado que essa alteração carrega não apenas na ficção, mas também fora das telas. Portanto, comprova-se que a obra se relaciona com as espectadoras e reflete os dilemas sociais de padronização estética hegemônica, sendo localizada como uma mídia que impacta a subjetividade e produz autoidentificação, nesse caso com influências negativas, no desenvolvimento da autopercepção.

Diante do exposto, os objetivos inicialmente traçados quanto a compreender as relações coloniais e raciais brasileiras que ditam as normas dos padrões de beleza, assim como sua difusão pela indústria cultural, foram alcançados. A articulação entre referenciais teóricos e análise do filme e entrevistas permitiu a obtenção de resultados quanto à compreensão dos discursos capilares e estéticos presentes no filme *O Diário da Princesa*, bem como no entendimento da percepção de mulheres que foram adolescentes dos anos 2000 sobre tais representações presentes a partir do acesso a suas memórias.

Apesar dos resultados obtidos, este estudo apresenta algumas limitações, a exemplo do número restrito de entrevistadas e o recorte centrado em um único filme. Diante disso, pesquisas futuras poderiam ampliar a análise para outros produtos midiáticos ainda voltados para o público adolescente da mesma época, permitindo comparações que possam identificar

reincidências ou rupturas nas representações estéticas capilares. Ademais, é possível enriquecer a temática com estudos que avaliem outras interseccionalidades, como classe, gênero e regionalidade, aumentando o entendimento sobre relações de construção da identidade capilar negra brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza. **Revista de Antropologia**, [S.L.], v. 44, n. 2, p. 231-233, jan. 2001. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-77012001000200011>. Acesso em: 18 abr 2024.
- BADDELEY, A. D.; EYSENCK, M. W.; ANDERSON, M. C. (Orgs.). Memória de trabalho. In: **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 54–82.
- BERND, Zilá. **O que é Negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p. 408.
- CARVALHO, Simone Ribeiro. **Memória afetiva e fonte de informação: um estudo de caso das narrativas musicais de Teixeira**. 2012. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196900>. Acesso em: 14 jun 2024.
- COELHO, Rômulo Frota da Justa; SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista do Departamento de Psicologia**. Uff, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 83-99, 2007. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-80232007000100007>. Acesso em: 18 abr 2024.
- COSTA, S.; TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- DUARTE JR., J. F. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- FÉLIX, Sayara de Brito. Cabelo bom, cabelo ruim: A construção da identidade afrodescendente na sala de aula. **Revista África e Africanidades**, ano 3, nº 11, novembro 2010. Disponível em: https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_25.pdf. Acesso em: 27 abr 2024.
- FREITAS, Geisiane Cristina de Souza. Cabelo crespo e mulher negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra. **Revista Idealogando**, Pernambuco, v. 2, n. 2, p. 65-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/idealogando/article/view/238062>. Acesso em: 27 abr 2024.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de projetos de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 1–23

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e. Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 (2008).

LINDOSO, Beatriz Amorim. **Transição capilar e identidade**: O cabelo como um demarcador de fronteiras sociais entre estudantes de design-moda em fortaleza. Universidade Federal do Ceará. 2017. TCC (Graduação) - Curso Design - Moda, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26657>. Acesso em: 17 maio 2024.

MERMELAU-PONTY, M. **Sens et non-sens**. Paris: Nagel, 1966.

MORAES, Camila de Freitas et al. MEU CABELO NÃO É DURO: uma análise decolonial sobre o racismo enquanto produção de violência. **Raça, Etnia e Gênero**: questões do tempo presente, [S.L.], p. 218-229, 2022. Editora Científica Digital. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37885/211106804>. Acesso em: 01 ago 2024.

MORENO, Raquel. **A beleza impossível**: mulher, mídia e consumo. São Paulo, Editora Ágora, 2008.

MORIGI, Valdir Jose; LAROQUE, Luís Fernando; MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli; GOMES, Carla Renata A. S.; & BARDEN, Júlia Elisabete. **Memória cultural na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnicas**. Cadernos de Estudos Culturais, v. 1, p. 57-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3676>. Acesso em: 14 jun 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em:

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**. Rio de Janeiro: 2003. [p.1-17]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 04 jun 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 06 maio 2024.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 197f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, Niterói. 2013. Disponível em: http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/O-QUE-ELA-TEM-N-A-CABECA_-Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf. Acesso em: 27 abr 2024.

ROSA, Camila Simões; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **A menina negra na família e na escola: o currículo como possibilidade**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 10, n. Ed. Especial, p. 572-593, jun. 2018.

RIBEIRO, Cristine Jaques; MORAES, Camila. **Insignia da necropolítica do corpo LGBT**. Anais do V Seminário Direito Fundamentais e Vulnerabilidade Social do Programa de Pós-Graduação em Direito Universidade Federal de Pelotas. (PPGD/UFPel), 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgd/files/2021/02/Anais-2020.pdf>. Acesso em: 25 fev 2025.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 6 maio 2024.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **A história da beleza no Brasil**. São Paulo, Contexto. 2014.

SAMPAIO, Rodrigo P. A. de; FERREIRA, Ricardo Franklin. Beleza, identidade e mercado. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 120-140, abr. 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000100008&script=sci_abstract. Acesso em: 18 abr 2024.

SILVA DE SOUSA, A.; OLIVEIRA, G. Saramago de; ALVES, L. Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 64–83, mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 19 abr 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: Silva, T.T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64-83, fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 06 maio 2024.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. São Paulo: Rocco, 1992.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

1. Qual sua idade e onde mora?
2. Houve alguma situação que notou tratamento diferente pelo seu tom de pele ou traços?
3. Quando você se entendeu como mulher negra?
4. Na infância/adolescência, como era sua relação com o cabelo?
5. Quando começou a ter consciência sobre seu cabelo?
6. Já foi alvo de críticas ou comentários voltados para o seu cabelo ou para outra característica física?
7. Pressupondo que assistiu O Diário da Princesa, o filme te marcou de alguma forma? Tem memórias dele?
8. Lembra da cena de mudança de aparência da Mia? O que acha dela?
9. O fato de ela ter mudado o cabelo para se aproximar à imagem de uma princesa impactou na sua forma de enxergar e interagir com suas próprias madeixas?
10. A relação com seu cabelo foi modificada após assistir ao filme? Se sim, de que maneira?
11. Lembra de realizar alguma associação entre o cabelo das personagens e seu papel dentro da história quando assistiu?
12. Você acha que a curvatura do cabelo é um fator impactante na vida pessoal e social?